

**A VELHICE ANTIUTILITÁRIA:
O envelhecer como ato de desobediência na sociedade moderna
ANTI-UTILITARIAN OLD AGE:
Aging as an act of disobedience in the modernity society**

Matheus de Souza Rodrigues¹

RESUMO: Este artigo aborda a velhice na sociedade capitalista a partir das críticas de Byung-Chul Han e Ailton Krenak. A análise propõe que a velhice, em sua essência não-produtiva, é um ato de desobediência à lógica utilitária do capital, sendo marginalizada tanto na "sociedade do desempenho", descrita por Han, quanto na visão utilitária do capitalismo. Han analisa a transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho, na qual o idoso é considerado um "fracassado" devido à perda de produtividade. Em contraste, Krenak ressignifica a velhice, celebrando-a como um repositório de sabedoria ancestral e resistência à lógica do consumo e da obsolescência produtiva. Ao estabelecer um diálogo entre essas duas visões, o artigo evidencia as convergências e divergências nas propostas de resistência. A velhice, em ambos os casos, não é vista como um problema, mas como sintoma de uma crise civilizacional, que desafia a fundação de uma sociedade centrada na produtividade. Uma possível solução proposta seria uma reestruturação de valores, onde a velhice é valorizada como sabedoria e fruição, e não como fracasso ou peso para a sociedade.

Palavras-chave: Velhice; Capitalismo; Byung-Chul Han; Ailton Krenak; Resistência

ABSTRACT: This article addresses old age in capitalist society through the lens of criticism by Byung-Chul Han and Ailton Krenak. The analysis proposes that old age, in its non-productive essence, is an act of disobedience to the utilitarian logic of capital, marginalized both in the "performance society" described by Han and in the utilitarian vision of capitalism. Han analyzes the transition from a disciplinary society to a performance society, in which the elderly are considered "failures" due to lost productivity. In contrast, Krenak redefines old age, celebrating it as a repository of ancestral wisdom and resistance to the logic of consumption and productive obsolescence. By establishing a dialogue between these two perspectives, the article highlights the convergences and divergences in the proposals for resistance. Old age, in both cases, is not seen as a problem, but as a symptom of a civilizational crisis, which challenges the foundation of a society centered on productivity. A possible proposed solution would be a restructuring of values, where old age is valued as wisdom and enjoyment, and not as a failure or burden on society.

Keywords: Aging; Capitalism; Byung-Chul Han; Ailton Krenak; Resistance

¹ Doutorando em PPGS/UFPE. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: matheus.srodrigues@ufpe.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9889-0725>.

INTRODUÇÃO

A velhice, um fenômeno biológico e inevitável para a maioria dos seres humanos, é tratada como um complexo problema social nas sociedades contemporâneas. A narrativa dominante, especialmente em nações ocidentais e sob a égide do capitalismo tardio, muitas vezes enquadra o envelhecimento populacional como um "problema social a ser resolvido" (Laslett, 1977), e o idoso como um "peso" para a economia e a sociedade (Bezerra; Watanabe, 2020). Essa perspectiva utilitária desconsidera as dimensões humanas, culturais e históricas do envelhecer, reduzindo-o a uma questão de custos, benefícios e produtividade (Velo; Nascimento-Schulze; Camargo, 1999). Este artigo, portanto, postula que a velhice, em sua essência não-produtiva, representa um ato de desobediência e um ponto de ruptura radical com a lógica utilitária do capital. Este artigo tem como objetivo geral analisar a interlocução da velhice na sociedade capitalista a partir do pensamento de Byung-Chul Han e Ailton Krenak. Para tanto, busca-se alcançar os seguintes objetivos específicos: i) examinar a crítica de Byung-Chul Han à "sociedade do desempenho" e a sua relação com a marginalização da velhice; ii) explorar a cosmologia de Ailton Krenak e o conceito da "vida não útil" como um contraponto à lógica utilitária; e iii) traçar um diálogo entre os dois pensadores, apontando as convergências e divergências em suas abordagens, para, por fim, ressignificar o envelhecimento como um ato de resistência e um repositório de valores que transcendem o mercado.

A metodologia deste estudo é de natureza qualitativa e tem como base uma pesquisa bibliográfica e em uma revisão de literatura (Barros; Muniz, 2014; Barboza; Farias, 2019; Santos *et al.*, 2024). Para a elaboração deste artigo, foram analisadas obras centrais de Byung-Chul Han e Ailton Krenak, além de artigos acadêmicos, teses, dissertações e revistas de opiniões de especialistas que estabelecem um diálogo entre o pensamento de ambos e o tema da velhice. Nossa abordagem é analítica porque busca confrontar as diferentes cosmologias e filosofias dos autores para desconstruir a lógica utilitária que permeia a visão ocidental sobre o envelhecimento. A partir dessa interlocução, o presente estudo busca demonstrar como as visões desses autores, embora com pontos de partida e propostas de resistência diferentes,

convergem para uma desconstrução da visão utilitária da vida, que é a base da marginalização e do desamparo da velhice na sociedade moderna. A velhice, nesse contexto, surge não como um problema isolado, mas como um sintoma da crise civilizacional inerente à própria lógica do capital.

BYUNG-CHUL HAN: O idoso como "fracassado" na sociedade do desempenho

Para compreender a marginalização do idoso na contemporaneidade, acreditamos necessário aprofundar a crítica de Byung-Chul Han ao capitalismo neoliberal. Em sua análise, o filósofo sul-coreano nos transporta da "sociedade disciplinar" para a "sociedade do desempenho", um ambiente onde a produtividade e a auto-otimização se tornam imperativos internos. Dessa forma, esta seção se dedicará a examinar como essa transição paradigmática, com sua ênfase no excesso de positividade e na violência da auto-exploração, cria uma patologia social em que o envelhecimento é visto como a materialização do fracasso. A partir dessa lente, o idoso é relegado a uma posição de "peso" e inutilidade, expondo as fragilidades de um sistema que não consegue lidar com a finitude e a não-produtividade. Byung-Chul Han, em sua obra seminal *Sociedade do Cansaço*, descreve uma transição paradigmática da "sociedade disciplinar", analisada por Michel Foucault, para a "sociedade do desempenho" que caracteriza o século XXI (Han, 2017; 2017a). A sociedade disciplinar era dominada pelo imperativo da proibição e do "não", operando em instituições como hospitais, fábricas e quartéis, e gerando figuras como delinquentes e loucos (Han, 2017a). Em contraste, a sociedade do desempenho é orientada pelo imperativo da positividade e do "sim", onde a cobrança por produtividade e autossuperação é internalizada pelo indivíduo (Han, 2017a). Nesse novo cenário, o indivíduo não é mais um "sujeito de obediência", mas um "empresário de si mesmo" que explora a si próprio sem qualquer coação externa (Han, 2017). Como afirma Han (2017a, p. 25), a "sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados".

A violência não é mais exercida por uma autoridade externa, mas se torna uma "violência neuronal", uma agressão interna que leva ao esgotamento físico e psicológico, culminando em

enfermidades como a depressão e a síndrome de Burnout (Han, 2017; 2017a). Esse sistema explora a "euforia" do trabalho, tornando a exaustão um fetiche e uma marca de sucesso, o que impede a revolta contra o próprio sistema. A coerção para ser produtivo é internalizada, transformando o sujeito em seu próprio opressor, um agressor e uma vítima ao mesmo tempo (Han, 2017). Han (2017, s/p) sintetiza essa ideia ao dizer que "a auto exploração é muito mais eficiente do que a exploração alheia, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. É possível, assim, haver exploração, mesmo sem dominação". Por sua vez, a lógica da sociedade do desempenho tem implicações profundas e devastadoras para a percepção da velhice. Nessa estrutura, o valor de um indivíduo está diretamente atrelado à sua capacidade de "performatividade" e "produção" dentro do sistema capitalista (Han, 2017a). O envelhecimento, que é um processo biológico natural de perda progressiva do vigor físico, coloca o idoso em uma posição de vulnerabilidade extrema, pois ele é visto como "não produtivo para o capital" (Barros; Muniz, 2014). O corpo que se exaure e a capacidade de trabalho que diminui confrontam diretamente o imperativo de performance, tornando o idoso a personificação do fracasso na sociedade do desempenho. Ele se torna um lembrete incômodo da finitude humana e da inevitável "não-performance" que o sistema busca incessantemente negar. Essa visão utilitária reduz a velhice a um "valor simplesmente utilitário", limitando a experiência do envelhecimento ao que o indivíduo ainda pode produzir (Greca, 2025). Nesse sentido, a lógica de Han diagnostica essa patologia do esgotamento, onde a busca incessante por produtividade torna o idoso um "peso" para o sistema, estigmatizado e marginalizado por não conseguir acompanhar o "ritmo e as exigências de aceleração" do trabalho. Essa exclusão não se limita ao mercado de trabalho, mas se estende a outras dimensões da vida (Barros; Muniz, 2014).

AILTON KRENAK: A velhice como sabedoria e a crítica à "vida útil"

Se o pensamento de Byung-Chul Han expõe a patologia da velhice no coração do neoliberalismo, a filosofia de Ailton Krenak oferece um contraponto radical a essa lógica. A

partir de uma cosmologia indígena que desafia o antropocentrismo e o progresso linear, Krenak propõe que "a vida não é útil", mas sim "fruição". Esta seção explora como essa visão subverte o imperativo de produtividade e ressignifica o envelhecer. Ao contrário do descarte e da inutilidade, a velhice na cosmologia de Krenak é elevada a uma posição de honra e sabedoria, com os anciãos sendo vistos como "bibliotecas vivas" que carregam a memória e a história de seus povos no corpo. Essa perspectiva nos convida a reavaliar o que a sociedade considera valioso e a encontrar no envelhecimento um ato de resistência contra a "coreografia ridícula e utilitária" do capital. A crítica de Ailton Krenak ao capitalismo se alinha a uma cosmologia indígena, onde a vida "é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária" (Krenak, 2020, p. 108). Em seu trabalho, Krenak questiona a própria noção de vida que o capitalismo impõe, uma que "devora o planeta" em uma busca insaciável por lucro, ainda mais desenvolvido sob a vida nos centros urbanos e diante do sofrimento causado pela Covid-19.

Segundo Arraes (2021), o sucesso acerca do pensamento de Krenak emergiu diante virtude de uma abordagem didática que visa a manter a acessibilidade a um público amplo, tendo, inclusive, traduções para diversos idiomas. Pois, os livros do pensador indígena, são cruciais por servirem como uma introdução concisa ao pensamento crítico, especificamente no que tange à sua crítica ao sistema capitalista contemporâneo e à relação insustentável da sociedade com a natureza. Assim, a crítica sobre a modernidade, desenvolve-se como a base de sua percepção sobre a velhice. Krenak demonstra que a lógica do capital, que mede a existência pela utilidade e pela produção, torna a velhice um período difícil para se encontrar sentido, já que o vigor físico diminui e a proximidade da morte se torna mais evidente (Greca, 2024). No final dos anos 1960, iniciou-se no Brasil uma mudança significativa na forma como a velhice era vista e tratada. Esse novo modelo foi inicialmente liderado pelo SESC² e, mais tarde, pelas universidades abertas à terceira idade. O objetivo era promover o bem-estar, ocupar o tempo livre e redefinir o papel social dos idosos. Para isso, foram criados os "espaços de convivência",

² Serviço Social do Comércio, ligada às federações do comércio com o intuito da promoção de cultura, educação, saúde, lazer e assistência à população.

onde o SESC oferecia atividades focadas em esporte, lazer, cultura e conhecimento, incentivando a velhice a uma vida mais ativa. Essa abordagem não apenas alterou as atividades oferecidas, mas também ajudou a criar uma nova categoria social: a "terceira idade". Diferente da visão tradicional de velhice, muitas vezes é associada à inatividade, a terceira idade passou a ser retratada como uma fase de "vida ativa e cheia de realizações". Essa nova perspectiva pode ser vista nas designações positivas usadas hoje para se referir aos idosos, como "melhor idade", "feliz idade" e "maturidade", reforçando uma visão mais otimista e valorizam essa fase da vida (Justo; Rosendo, 2010).

Em contraste radical com a visão capitalista, a cosmologia indígena proposta por Krenak (2020) não marginaliza a velhice, mas a eleva. Os anciãos, em sua cultura, são as "verdadeiras bibliotecas vivas". A sabedoria não é apenas conhecimento técnico ou informação acumulada, mas um modo de ser que é transmitido de geração em geração, através de rituais e da oralidade. O pensador exemplifica que "quando morre um ancião, é como se queimasse uma biblioteca inteira". O corpo e os gestos de um ancião carregam a história e os ensinamentos de toda uma cultura. E, nesse sentido, a valorização do idoso como repositório de memória e sabedoria é uma "re-funcionalização" da velhice que se opõe diretamente à lógica utilitária do capitalismo. Na visão indígena, a longevidade não é um problema fiscal, mas uma oportunidade de manter a conexão com as raízes e a tradição. Krenak (2006, s/p), por sua vez, é a prova viva dessa perspectiva, sendo uma voz que "é um grito pela preservação da essência vital de toda a vida na Terra". Logo, a longevidade, para os povos originários, é a própria base da resistência cultural e da continuidade da comunidade.

A crítica de Krenak à marginalização do idoso está intrinsecamente ligada à sua crítica ao "memorícidio", que é a negação da memória histórica. Ele argumenta que a marginalização dos anciãos não é um simples subproduto da lógica produtivista, mas um ato ativo de apagar a memória que poderia contestar a base utilitária e exploratória do capitalismo. Ao descartar os idosos, a sociedade capitalista deslegitima a sabedoria ancestral e a história que poderia inspirar a resistência. Assim, a valorização do idoso como "biblioteca viva" é a chave para "adiar o fim do mundo" (Krenak, 2019; 2020). Segundo Greca (2025), ele oferece uma alternativa de

existência que não se rendeu ao sentido utilitário da vida. O envelhecimento, nesse sentido, se torna uma fronteira, um ponto de contato com uma cosmologia radicalmente diferente que pode subverter a lógica capitalista de destruição. O descarte de pessoas em idade avançada, segundo o pensador indígena, gera insegurança em toda a sociedade, pois mostra que, para governos "burros", a economia importa mais do que as pessoas. Dessa forma, Krenak (2020) salienta que a noção de que alguns "vão morrer" pela "saúde da economia" é uma "declaração insensata" que afeta profundamente "as pessoas que amam os idosos, que são avós, pais, filhos e irmãos". A velhice é, assim, uma oportunidade para resgatar a memória e a identidade não só das comunidades, como da humanidade.

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS: Um diálogo intrigante entre cosmovisões

Após analisar a crítica filosófica de Byung-Chul Han e a cosmologia de Ailton Krenak, esta seção se propõe a traçar um diálogo entre os dois pensadores. Embora provenham de tradições intelectuais e culturais distintas, suas obras revelam um terreno comum na desconstrução da visão utilitária que o capitalismo e modernidade impõe à vida humana. A interlocução entre as abordagens do Ocidente e da ancestralidade indígena permite não apenas identificar as convergências em suas críticas, mas também realçar as divergências nas soluções propostas. Ao confrontar o esgotamento da "sociedade do cansaço" com a "fruição" da vida não-útil, a velhice emerge como o paradigma central de uma crise civilizacional, oferecendo caminhos distintos, mas complementares, de resistência ao modelo de sociedade vigente.

Embora Byung-Chul Han e Ailton Krenak partam de tradições intelectuais e culturais distintas — a filosofia ocidental pós-estruturalista versus a cosmologia indígena —, ambos convergem em uma crítica fundamental ao capitalismo por sua redução da existência humana à utilidade e à produtividade do sistema capitalista. Ambos os autores são explicitamente mencionados em artigos acadêmicos como vozes críticas ao capitalismo. Han (2015; 2017) expõe a "violência neuronal" que a lógica utilitária exerce sobre a psique do indivíduo, levando-o à autoexploração e ao esgotamento, enquanto Krenak (2020; 2022) a denúncia como uma

"coreografia ridícula" que nos desconecta da natureza e da sabedoria. A velhice serve como o principal campo de teste para as suas teorias. Para Han (2015), a velhice expõe a falência do modelo de auto-exploração, pois o corpo se exaure e se torna "fracassado". Para Krenak (2020), ela revela a falência do modelo utilitário, que descarta a sabedoria ancestral em favor da produção. Ambos os autores demonstram que a velhice é o ponto de fragilidade máximo da lógica capitalista.

OS CAMINHOS DA RESISTÊNCIA: Do ócio à reconexão ancestral

As respostas propostas por Han e Krenak, embora complementares, seguem caminhos distintos. O contraponto de Han (2015) à sociedade do cansaço é o ócio e a contemplação, um tempo não-produtivo que oferece uma libertação da auto-exploração. Essa proposta é de natureza filosófica e existencial-psicológica, focada em uma espécie de "re-fundamentação" do eu através da cessação do imperativo de desempenho imposto pela sociedade moderna neoliberal. Em contrapartida, a resposta de Krenak (2022) é a reconexão com a Terra e com a sabedoria ancestral, um retorno a um modo de vida não-utilitário, que se opõe à lógica de consumo e destruição também da sociedade moderna neoliberal. Sua proposta, sob esse aspecto, é de natureza antropológica e político-ecológica, focada na comunidade e em sua relação com o ambiente, ou seja, mãe-terra. Enquanto a solução de Han foca no indivíduo e sua interioridade, a de Krenak foca na comunidade e em sua cosmologia.

A VELHICE COMO PARADIGMA DA CRISE CIVILIZACIONAL: entre a longevidade, lucratividade e a obsolescência

Para ambos, a velhice é um sintoma, não o problema em si. Para Han, o corpo exaurido do idoso é a prova da insustentabilidade da sociedade do desempenho. Para Krenak, a sabedoria silenciada do ancião é a prova da desconexão com a memória e a natureza. A velhice, portanto, deixa de ser um problema individual de finitude e se torna um paradigma da crise civilizacional.

A seguir, colocamos em uma tabela com o intuito de facilitar e “didatizar” a comparação e os conceitos-chave em ambos os autores. As críticas de Byung-Chul Han e Ailton Krenak à lógica utilitária do capitalismo revelam um terreno comum, evidenciando como a velhice se torna um sintoma de uma crise civilizacional. No entanto, para entender a profundidade dessa marginalização, é preciso ir além das perspectivas filosófica e antropológica. É fundamental examinar como o próprio sistema capitalista se adapta, re-funcionalizando a velhice para novos propósitos, transformando-a de um problema em um novo nicho de mercado e consumo.

Nesse sentido, faz-se necessário entender a resposta do próprio sistema capitalista à "crise da velhice". Longe de um simples descarte, o capital tem se mostrado adaptável, refuncionalizando a população idosa em um novo nicho de mercado: a "economia da longevidade" ou *silver economy*. Analisaremos como essa nova dinâmica, embora aparentemente inclusiva, é na verdade uma extensão da mesma lógica utilitária, transformando o idoso de um "peso produtivo" em um "motor de consumo", perpetuando a visão de que seu valor está atrelado à sua função econômica. A resposta do capitalismo à "obsolescência produtiva" da velhice não tem sido um simples descarte, mas uma "re-funcionalização" estratégica para alguns setores econômicos (Grisci *et al.*, 2015; Sant’Anna, 2001). Em vez de ver o idoso apenas como um "fardo" para o sistema, a lógica do capital o transformou em um novo e poderoso "motor de consumo" (representando 20% do consumo no Brasil), através do conceito de "economia da longevidade" ou *silver economy* (Senado Notícias, 2019; Félix, 2022; 2019). Essa nova visão mercadológica reconhece que as pessoas com mais de 50 anos, isto é, na fase da “velhice”, são um motor econômico, com um consumo que já representa a terceira maior atividade econômica do mundo (Semenzato, 2024).

Conforme a avaliação da Iberdrola (2025), a *silver economy* – economia voltada ao público idoso – abrange de serviços de saúde e moradia a lazer e turismo, criando um mercado de bilhões de dólares. Em contrapartida, isso que estamos chamando "refuncionalização" não se estabelece como uma solução real para a marginalização, mas uma nova forma de apropriação de capital. Por consequência, esta é a manifestação prática das críticas de Han e Krenak. Se o capitalismo não pode mais explorar o corpo do idoso como produtor, ele passa a

explorar sua capacidade de consumo. Krenak (2022; 2020) criticaria essa "re-funcionalização" como uma nova "coreografia ridícula e utilitária" que nega a verdadeira "fruição" da vida. Na mesma medida, Félix (2022; 2019) entende que a nova dinâmica global aponta para essa dinâmica que atua como um vetor, objetivamente, de "nova colonização" amparada na indústria tecnológica e de saúde.

À *son tour*, a face mais visível da exclusão é o etarismo, um estigma social que se manifesta no mercado de trabalho e na sociedade (Barros; Muniz, 2014; Cardoso, 2017). A percepção de que o idoso já produziu e não "acrescenta" mais à sociedade é um senso comum que serve diretamente aos interesses do capitalismo (Cardoso, 2017). O mercado de trabalho reflete essa visão ao fragilizar a carreira de trabalhadores mais velhos, que se veem "autoexcluídos" com a sensação de que "já passaram da idade" (Félix, 2016). Essa realidade é agravada pela ausência de políticas públicas, especialmente em países como o Brasil, e contribui para o isolamento social dos idosos como sugere Barros e Muniz (2014). A análise sociológica demonstra que a "obsessão produtiva" leva à visão do idoso como um "peso" para a economia negando sua contribuição e expropriando seu tempo de vida (Cardoso, 2017). Em torno do etarismo, a pesquisa ConVid, coordenada pela Fiocruz, a pandemia de COVID-19 afetou drasticamente a renda dos idosos no Brasil. Um estudo com mais de 45 mil participantes, dos quais 20% tinham 60 anos ou mais, no ano de 2020, revelou que 36% dos idosos empregados tiveram a renda reduzida ou zerada. Para os idosos que trabalham sem vínculo empregatício, o impacto foi ainda maior, atingindo 55%. A pesquisa, que também aponta para o aumento de problemas de saúde mental, demonstrou a vulnerabilidade econômica dos idosos diante da crise sanitária que atingiu. O atual modelo de sociedade coloca em risco a seguridade social e o cuidado desta população, ainda que uma parte trabalhasse em serviços essenciais e recomendava-se o isolamento, mostrou a pesquisa coordenada pela pesquisadora Dalia Romero (FIOCRUZ, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, chegamos à conclusão que a velhice na sociedade capitalista está fundamentalmente em xeque e sendo objeto de continuidade da exploração de capital. As análises de dois pensadores de campos intelectuais distintos, como Byung-Chul Han e Ailton Krenak, convergem para uma crítica central: a redução da vida à utilidade moderna e a velhice, nesse caso, não é útil. Han, enfaticamente, revela o esgotamento do corpo humano na busca incessante por desempenho, enquanto Krenak denuncia a desconexão do espírito e da comunidade na negação da memória e da sabedoria ancestral. O corpo exaurido do idoso na sociedade do cansaço e a sabedoria silenciada do ancião na sociedade de consumo são as duas faces da mesma crise ontológica.

Logo, entendemos que a resposta a esse problema não reside em apenas "reinsserir" o idoso na lógica da cadeia de produção capitalista, seja como um produtor de baixo desempenho ou como um motor de consumo motivada pela sociedade moderna bem descrita por Han e Krenak. Isso que denominamos de *refuncionalização*, cujo termo buscou um reposicionamento dos idosos às relações de produção capitalista, apenas perpetua a violência do sistema para com uma parcela vulnerável da população. Sistemáticamente, o que podemos abstrair como "solução" proposta por ambos os pensadores, passa por uma reestruturação radical de valores ontológicos da nossa sociedade. Nisto, a proposta de Han indica para a valorização do ócio e da contemplação como uma forma de resistência individual contra o imperativo de performance que a sociedade moderna do cansaço demanda alienantemente. Por sua vez, a proposta de Krenak, dentro da cosmovisão dos povos originários, decorre da reconecção umbilical com a Terra e com as "bibliotecas vivas", isto é, da memória ancestral como uma forma de resistência comunitária e ecológica contra o utilitarismo desenfreado da sociedade moderna capitalista.

Assim, acreditamos que a crise da velhice não é demográfica ou fiscal – para a previdência social ou o sistema público e privado de saúde – mas, diretamente, ontológica, isto é, necessita de uma reflexão mais profunda do ser, dos valores e juízos que atribuímos a nossa espécie. Portanto, a velhice, em sua essência não-produtiva e não-utilitária, desafia a própria fundação da sociedade moderna capitalista baseada na ordem produtiva e reprodutiva do capitalismo neoliberal na sua fase mais distópica, como diria Mark Fisher (2020) em sua obra

indescritível, *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*. Essas contribuições de Byung-Chul Han e Ailton Krenak nos fornece os *insights* intelectuais poderosos para desmascarar essa lógica e conceber um novo futuro, em que a vida é valorizada em sua plenitude, para além da produção, reprodução e do consumo, e onde o envelhecer é sinônimo de sabedoria e fruição, e não de fracasso e peso para sociedade.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Raoni. **O ÚTIL, O FIM, E O ANTROPOCENO: ensaio crítico sobre os manifestos de Ailton Krenak**. Revista Antropologia Portuguesa, Coimbra, n. 38, p. 106–112, 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/antropologiaportuguesa/article/download/10428/7854>. DOI: 10.14195/2182-7982_38_7. Acesso em: 7 set. 2025.

BARROS, Albani; **MUNIZ**, Tatiana da Silva. *O trabalhador idoso no mercado de trabalho do capitalismo contemporâneo*. Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - ALAGOAS, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 103–116, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cdghumanas/article/view/1079>. Acesso em: 6 set. 2025.

BARBOSA, Gabriela França; **FARIAS**, Josefa Patrícia Vitorino de. *O processo de envelhecimento nos dias atuais – revisão integrativa*. In: Congresso Internacional de Educação e Humanidades, 2019, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Editora Realize, 2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA1_ID1205_02052019201136.pdf. Acesso em: 6 set. 2025.

BEZERRA, Keite Crisostomo; **WATANABE**, Carolina Yukari Veludo. *Human value of the elderly in the disposal society*. **GLOBAL JOURNAL OF HUMAN - SOCIAL SCIENCE: C**

Sociology & Culture, [s.l.], v. 20, n. C8, p. 1–10, 2020. Disponível em: <https://socialscisearch.org/index.php/GJHSS/article/view/3427>. Acesso em: 6 set. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice [recurso eletrônico]*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. *No capitalismo, o idoso é um peso*. APEOESP, 23 ago. 2017. Disponível em: <https://www.apees.org.br/noticias/noticias-2017/no-capitalismo-o-idoso-e-um-peso/>. Acesso em: 5 set. 2025.

FÉLIX, Jorge. *Economia da longevidade*. A Terra É Redonda, 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/economia-da-longevidade/>. Acesso em: 5 set. 2025.

_____. **ECONOMIA DA LONGEVIDADE: o envelhecimento populacional muito além da previdência**. São Paulo, Editora 106 Ideias, 2019.

_____. O idoso e o mercado de trabalho. In: **CAMARANO**, Ana Amélia et al. **POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO: velhas e novas questões**. Brasília: IPEA, 2016. Cap. 9, p. 275–298. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstreams/da48274f-7d8a-4f07-a10e-ef9d7374dd08/download>. Acesso em: 8 set. 2025.

FIOCRUZ. **COVID-19: pesquisa analisa impacto da pandemia no trabalho e renda da pessoa idosa**. Rio de Janeiro. Fiocruz, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2020/06/covid-19-pesquisa-analisa-impacto-da-pandemia-no-trabalho-e-renda-da-pessoa-idosa>. Acesso em: 8 set. 2025.

FISHER, Mark. **REALISMO CAPITALISTA: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que**

o fim do capitalismo? Tradução de Rodrigo Gonçalves, Jorge Adecedato e Maikel da Silveira. Coordenação editorial de Manuela Beloni e Cauê Amen. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

GRECA, Louise Paiva. A velhice não é útil. Offlattes, 02 set. 2025. Disponível em: <https://offlattes.com/archives/18206>. Acesso em: 5 set. 2025.

GRISCI, Cleuza L. I.; **DEUS**, Eliane S. de; **RECH**, Sílvia; **RODRIGUES**, Maria F.; **GOIS**, Paulo H. de. **BELEZA FÍSICA E TRABALHO IMATERIAL: do politicamente correto à rentabilização. PSICOLOGIA: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 406–422, abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-370302282013>. Acesso em: 8 set. 2025.

HAN, Byung-Chul. *A agonia do Eros*. Petrópolis. Vozes, 2017.

_____. 1. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis. Vozes, 2017a.

IBERDROLA. *Silver Economy*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.iberdrola.com/quem-somos/nosso-modelo-inovacao/silver-economy>. Acesso em: 5 set. 2025.

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

JUSTO, José Sterza; **ROZENDO**, Adriano da Silva. A velhice no Estatuto do Idoso. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 471–489, maio/ago. 2010. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844632012>. Acesso em: 12 set. 2025.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo. Companhia das Letras, 2020.

_____. *Entrevista*. São Paulo, 23 maio 2006. Realização: Museu da Pessoa. Código de acervo: BIO_TMO11. Disponível em: <https://youtu.be/TYw4XFd18Zo>. Acesso em: 7 set. 2025.

_____. *Futuro ancestral*. São Paulo. Companhia das Letras, 2022.

_____. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

LASLETT, Peter. **FAMILY LIFE AND ILLICIT LOVE IN EARLIER GENERATIONS: Essays in historical sociology**. Cambridge University Press, 1977.

SANTOS , B. F.; **DA ROCHA**, G. K.; **SANTOS**, D. M.; **DE LIMA**, A. A.; **ANDRADE**, R. D. **S. VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE DO CANSAÇO: uma crítica ao capitalismo por Byung-Chul Han**. REVISTA INTERSABERES, [S. l.], v. 19, p. e24en5001, 2024. DOI: 10.22169/revint.v19.e24en5001. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2588>. Acesso em: 6 set. 2025.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **CORPOS DE PASSAGEM: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SEMENZATO, José Carlos. *Tendências de consumo para 2024*. SMZTO, 2024. Disponível em: <https://smzto.com.br/blog/tendencias/tendencias-de-consumo-para-2024/>. Acesso em: 5 set. 2025.

SENADO NOTÍCIAS. *Idosos movimentam 20% do consumo nacional, informa Sebrae*.

Senado Notícias, 31 out. 2019. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/10/31/idosos-movimentam-20-do-consumo-nacional-informa-sebrae>. Acesso em: 5 set. 2025.

VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. *Representações sociais do envelhecimento*. **PSICOLOGIA: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 479–501, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000200015>. Acesso em: 6 set. 2025.